

RUA GRANDE DE
BARRAS DO MARATAOÃ
(CRÔNICA, MEMÓRIA E CANÇÃO)

Dílson Lages Monteiro

RUA GRANDE DE
BARRAS DO MARATAOÃ
(CRÔNICA, MEMÓRIA E CANÇÃO)

Carlos Castelo Branco

Chagas Botelho

Diego Mendes Sousa

Dílson Lages Monteiro (org.)

Elmar Carvalho

Fábio Augusto de C. Pedrosa

Francisco Carlos de Araújo

Francisco de Assis Carvalho Filho

Francy Monte

Gislano Feitosa

Manoel Monte de Carvalho Filho

Ramon Vieira de Carvalho

Rogel Samuel

Zemaria Pinto

2024

Copyright © by 2024

Entretexos

Todos os direitos reservados. De acordo com a Lei n.º 9.610, de 19/02/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma, por meio eletrônico ou mecânico, sem prévio consentimento do autor.

PROJETO GRÁFICO
Raimundo Araújo Dias
(86) 98838.5570

REVISÃO
Dílson Lages Monteiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Catalogação na Fonte

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Larissa Andrade CRB - 3/1179

R894 Rua Grande de Barras do Marataoã: (crônica, memória e canção) / Dílson Lages Monteiro (org.) - 1. ed. - Teresina: Portal Entretexos/Laboratório de Redação Prof. Dílson Lages, 2024.
92 p.

ISBN 978-65-997181-1-3

1. Literatura Brasileira - Crônicas 2. Literatura Piauiense - Crônicas 3. Literatura Piauiense - Memórias 4. Canção I. Título

CDD - B869.803

SUMÁRIO

Rua Marechal Taumaturgo de Azevedo	11
Carlos Castelo Branco	
Fuga para a Taumaturgo de Azevedo	13
Chagas Botelho	
Taumaturgo no Acre	17
Diego Mendes Sousa	
Lima Barreto, Taumaturgo e a rua da infância	29
Dílson Lages Monteiro	
A velha Rua Grande de Barras do Marataoã	35
Elmar Carvalho	
Taumaturgo de Azevedo no Amazonas	41
Fábio Augusto de Carvalho Pedrosa	
A Praça	49
Francisco Carlos Araújo	
Rua Grande da Memória	55
Francisco de Assis Carvalho Filho	
Na Ponta da Rua Grande	59
Francy Monte	
Lembranças da Rua Grande	61
Gisleno Feitosa	

Barras Anos 50/60 – A Turma de Baixo, a Turma da “Ponta da Rua Grande”	65
Manoel Monte de Carvalho Filho	
Uma rua que passa em minha vida	71
Ramon Vieira de Carvalho	
Rua Grande	75
Rogel Samuel	
Prosa da Rua Grande: a lembrança iconográfica de cinco prédios	77
Zemaria Pinto	
Os autores	89

NOTA PRÉVIA

[Dílson Lages Monteiro]

Uma cidade é a vida cotidiana. É o que você faz todos os dias. Os lugares por onde anda. Os acontecimentos que moldam o agir e o pensar de cada cidadão. As edificações colorindo a lembrança. Um jeito especial de cozinhar. De se alimentar. De se divertir. A natureza refletida no calendário de cada estação. O encantamento das águas. O fascínio do estio.

Uma cidade é principalmente sua gente nas mais diversas relações de sociabilidade. As festas. Religiosas e pagãs. Os filhos espalhados por cada canto aonde o destino e a sobrevivência os levaram. As narrativas, o ontem e o hoje na memória dos que muito já experienciaram o mundo.

Uma cidade é o que contam as casas, as ruas, as praças. O campo e a cidade. Modos de vida. Jeitos de falar e de ouvir. Ditados populares. Palavras que não existem noutro lugar. É também o silêncio e o esquecimento da eternidade na lembrança de quem existe apenas no sentimento de benquerer.

Uma cidade é as variadas percepções que fazem com que o ser humano sinta-se pertencendo a um tempo e a

um lugar. Por isso, cidades são seres imaginários, lugares do transitório, de transformações e de reminiscências que não morrem enquanto puderem ser contadas, refletidas, ensinadas... Cidades são seres. Entes pulsantes de toda a experiência humana.

Uma cidade é um lugar que fica para sempre na memória. Um lugar que é coração e respiração. Que é artéria irrigando todo o corpo... Cidades elegem alguma rua (ou algumas ruas) para simbolizar o que existe de inesquecível na paisagem urbana. Lugar de grandes acontecimentos. Se tivessem que escolher os lugares mais representativos de Barras do Marataoã no Piauí, os que nessa cidade vivem ou com ela mantêm algum tipo de relação elegeriam a rua Taumaturgo de Azevedo como um dos recantos significativos de Barras. Coração e Pulmão. Pertencimento ao tempo que é o de todos os tempos, o da memória.

Um dia ela se chamou Rua Grande, nome que até hoje ressoa na memória oral. Foi, por muitos anos, a rua de maior extensão da cidade. Hoje, encerra-se onde se inicia o bairro Boa Vista. Ali, à direita do referido bairro, começa a Avenida Dirceu Arcoverde, que dá continuidade a Taumaturgo de Azevedo, em longa avenida de duas faixas de trânsito até desemborcar na rodovia Barras-Porto. Registra Wilson Carvalho Gonçalves, a partir de documentos coligidos na Casa Anísio Brito, que em 10.08.1938, decreto municipal número 11, a Rua Grande, então Getúlio Vargas, passava a se chamar Taumaturgo de Azevedo.

Exaltemos a Rua Grande, lendo cada texto desta coletânea, que contou com a participação de barrenses e de gente distante, mas igualmente apaixonada pela aura que repousa nas águas do rio Marataoã. Todos movidos pelo propósito comum de celebrar a grandeza de uma cidade do tamanho do sonho. Boa leitura!

RUA MARECHAL TAUMATURGO DE AZEVEDO

[Carlos Castelo Branco]

Eu ti via primeiro como uma rua grande
do antigo casario das telhas feitas nas colchas
O sol escaldando as águas do rio esverdeado
e depois, resignado, chorava a chuva sob a terra.

Mais tarde, te chamei de Rua Getúlio Vargas
e mesmo ainda não te conhecendo,
como a uma irmã de sangue
andei em sonhos de olhos aberto em teu calçamento
a ouvir o calor em ondas
que pairava sob Barras do Marataoã.

Conhecer não é tocar
Está mais em cogitar
Pensar como meus pés
nunca deslizaram por tuas vias
e de como me vias sem eu aí nunca ter estado
nem em fantasia nem em pessoa nem em prece

Nunca tive uma rua para dizer que amava.
Tive sim que sair das que me abraçaram
acorrendo a outras que não quiseram me acolher
Entre tantos desvios, tantos descaminhos
hoje é a trilha onde pisa meu coração.

FUGA PARA A TAUMATURGO DE AZEVEDO

[Chagas Botelho]

Quando as águas do Rio Marataoã engordaram, toda a casa ficou em situação de enchente. Naquele instante fluvial, começava o drama da minha família, pois o nosso pedaço de chão estava completamente inundado. Quase todos os pertences, conquistados a duras penas, boiavam incontrolláveis sobre a invasora turva e impiedosa. Meus pais juntaram o que puderam para, em seguida, numa trouxa amarrada às pressas, fosse jogada em cima de uma carroça balsâmica. Agora submersa, partimos da Rua Fenelon Castelo Branco em direção a um abrigo providencial. Desabrigados, seguimos banhados de lágrimas e lama.

Um velho galpão, com cheiro de secos e molhados, era o nosso novo lar. A residência temporária dos mais recentes alagados da cidade mesopotâmica. Um exíguo espaço cedido pelo seu João Eulálio e a sua esposa dona Léia Eulálio, patrões de minha mãe, uma doméstica simples e dedicada. Seu Joãozinho, como era carinhosamente conhecido, nos amparou com comisseração e de certa forma comovido com a força das enchentes do finalzinho da década de 1970. Chegamos à nova morada, quase sem nada, maltrapilhos.

Passei a dormir num único cômodo com meus pais e irmãos. Um amontoado de corpos desolados e entristecidos. Deveria ter lá os meus sete anos de idade.

No primeiro dia, ao abrir o portão, que ficava nos fundos da loja do seu Joãozinho (loja que tempos depois virou Armazém Paraíba) me deparei com a rua larga e imponente. Tratava-se da Rua Taumaturgo de Azevedo. Na esquina, ficava a ponta da Praça da Matriz. Defronte ao nosso alento, funcionava o suntuoso prédio da prefeitura. Um pouco à sua direita, a descida para a Prainha que felizmente não transbordara. À direita de nossas instalações, outra descida, aliás, a descida da diversão que desembocava até o balão lá para os rumos da Boa Vista. Desse outro lado das cheias, meu mundo era melhor. Mais feliz.

Meu pai, já habituado à condição de alagado, sentava na calçada da Grande Rua, pegava o pó de carnaúba e o transformava em cera. Todo dia, trabalhava sua arte em silêncio e desempenho. Minha mãe, apesar do êxodo forçado, da impossibilidade de cuidar da sua casa, tentava arranjar mais um lavado de roupa com a vizinhança abastada. Nesse ínterim, eu e os meus irmãos, em contraste com a situação desfavorável, brincávamos de carrinhos de lata e de barquinhos de papel pelos esgotos daquela rua tumultuada, expressiva e cheia de vida.

Na famosa rua que levava o nome de general, eu empurrava sorridente um pneu de carro ladeira abaixo, como se estivesse de férias. Também jogava um ferro pontiagudo num triângulo desenhado na terra úmida e fofa. Vibrava

quando acertava o alvo. Fazia homéricas competições de peteca e de time de botões. Ao crepúsculo, quando o sino da Igreja de Nossa Senhora da Conceição repicava no alto, mamãe ralhava e me chamava para tomar banho. Despejava em minha cabeça e costas copos de água retirada da manilha que ficava rente ao jirau.

Só deixamos a Rua Taumaturgo de Azevedo quando o rio baixou. Quando se pôde ver nítido o memorial da finada Alda. Quando vislumbramos a rodagem passar sobre a ponte e desaparecer depois do Pesqueiro. Após alguns meses vividos na rua orlada pelo patronato, prefeitura e clubes recreativos, enfim, voltamos à Rua Fenelon Castelo Branco. Voltamos à nossa casa que, naquele momento, mais parecia uma tapera que necessitava com urgência de reforma.

Hoje, com meio século de existência, cinquenta anos nos couros, essas lembranças de décadas retroativas, ainda são frescas, indeléveis em minha mente. O cenário da Rua Taumaturgo de Azevedo, o ar, os momentos e as pessoas daquela época me marcaram para sempre.

TAUMATURGO NO ACRE

[Diego Mendes Sousa]

GREGÓRIO TAUMATURGO DE AZEVEDO (1853-1921)



Taumaturgo na maturidade.
Com as patentes militares e condecorações.



Gregório Taumaturgo de Azevedo.
Governador do Piauí e do Amazonas.
26.12.1889 a 04.06.1890 (Piauí)
01.09.1891 a 27.02.1892 (Amazonas)

Governador de dois estados brasileiros, do Piauí e do Amazonas, fundador e primeiro prefeito municipal da cidade de Cruzeiro do Sul, no estado do Acre, intelectual, autor de inúmeros artigos publicados sobre o Acre e os seus limites com a Bolívia, militar que protegeu a fronteira, na divisa Brasil/Peru, seu nome atualmente batiza uma cidade acreana chamada de Marechal Taumaturgo, grafada com th.

Doutor, tenente, tenente-coronel, coronel, general, marechal, cavaleiro, comendador, Gregório Taumaturgo de Azevedo, piauiense de Barras, barrense histórico, filho ilustre da sua terra, protegida por Nossa Senhora da Conceição e banhada pelo Longá, curso do Parnaíba ou do Velho Monge, na imagética do poeta simbolista Da Costa e Silva, e principalmente, infiltrada pelo rio Marataoã.

* * *

Estou há três anos na região do Vale do Juruá, em diálogo com o rio Juruá, que inunda uma cidade que me apresentou um dos céus mais encantadores do Brasil, com suas andorinhas migratórias matinais e de fim de tarde.

Céu de tonalidades múltiplas, peculiaridade da urbe Cruzeiro do Sul, encravada na Amazônia, na floresta que me habita, porque me sinto inscrito e identificado com as almas que dormem nas águas amazônicas.

Quando aterrissei no Acre, um piauiense do norte, do mar, filho da Parnaíba, encontrei-me.

Estava em solo ancestral com encantaria indígena, Cruzeiro do Sul, a cidade mais importante do Vale do Juruá.

Passai a residir na Avenida Coronel Mâncio Lima, onde está situada uma bela estátua de Gregório Taumaturgo de Azevedo.

Diariamente, tinha o privilégio de cruzar com o marechal e fazer-lhe as reverências devidas como conterrâneo.

A Avenida Coronel Mâncio Lima é uma espécie de rua Grande, nunca foi assim denominada por sua gente, porém, para mim, que venho da Parnaíba, menino que agora percorre a Rua Grande (hoje Avenida Getúlio Vargas), que desemboca no rio Igarapu, geografia deltaica do meu tempo, a Avenida Coronel Mâncio Lima, em Cruzeiro do Sul, passou a ser o meu roteiro sentimental e o mais profundo corredor de imagens e de vivências.

* * *

O piauiense-barrense Gregório Taumaturgo de Azevedo é dono de uma pátria acreana. Homem articulado e pioneiro, por seus feitos políticos e históricos, dominou o cenário das terras distantes, vencendo batalhas, definindo espaços brasileiros.

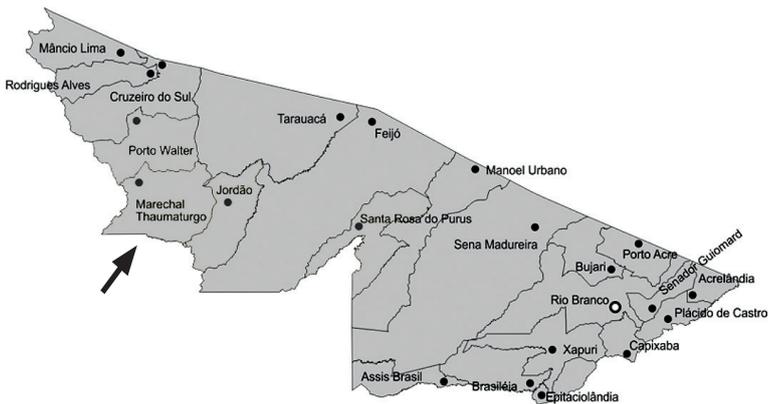
No centenário da fundação de Cruzeiro do Sul, ocorrido em 2004, o seu povo projetou Gregório Taumaturgo, de Azevedo em praça pública, em retribuição e reconhecimento por suas realizações naquele território, de chão extremamente verde.

Antes, em 1992, foi fundada a cidade de Marechal Taumaturgo, região na foz do Rio Amônia, que pertencia a Cruzeiro do Sul.

O batismo em homenagem ao marechal Gregório Taumaturgo de Azevedo é uma justa exaltação, pois, com a inteligência estratégica e militar do piauiense-barrense, o Brasil assegurou a sua fronteira da invasão dos peruanos.

A cidade de Marechal Thaumaturgo é abençoada por São Sebastião e seus gentílicos são chamados de thaumaturguenses.

Cidade dos rincões do Acre, o acesso a Marechal Thaumaturgo é feito por via fluvial, pelo rio Juruá, e por via aérea, por não existir estrada ligando Cruzeiro do Sul a Marechal Thaumaturgo.



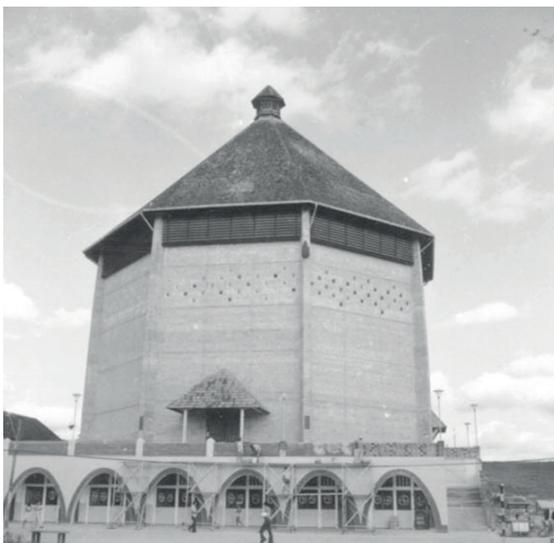
Mapa do Acre



Cruzeiro do Sul – Acre. Vista da Catedral e do comércio.
Região central.



Cruzeiro do Sul – Acre. Rio Juruá em período de cheia.



Catedral de Nossa Senhora da Glória.
Arquitetura em estilo alemão.



Escultura de Gregório Taumaturgo de Azevedo
exposta na principal via pública da cidade de
Cruzeiro do Sul/AC.



Escultura de Gregório Taumaturgo de Azevedo.
Centenário de Cruzzeiro do Sul. Centro. 2004.



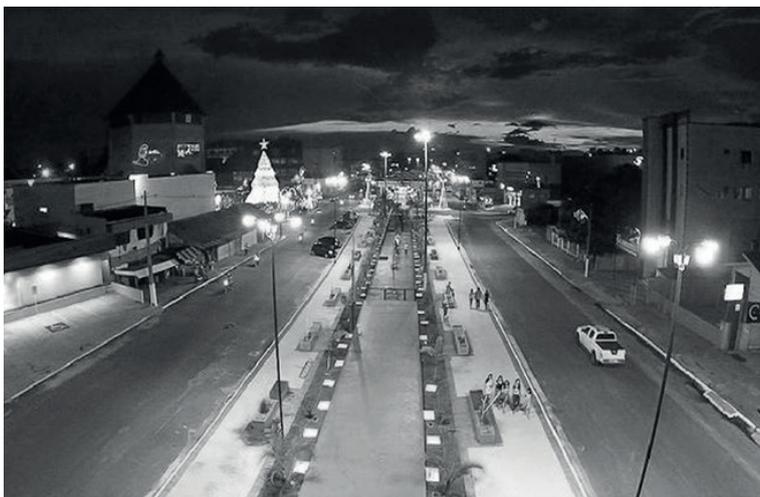
Escultura de Gregório Taumaturgo de Azevedo. Avenida
Coronel Mâncio Lima. Via principal de acesso à Ponte
Estaiada.



Avenida Coronel Mâncio Lima, onde está encravada a estátua de Gregório Taumaturgo de Azevedo.



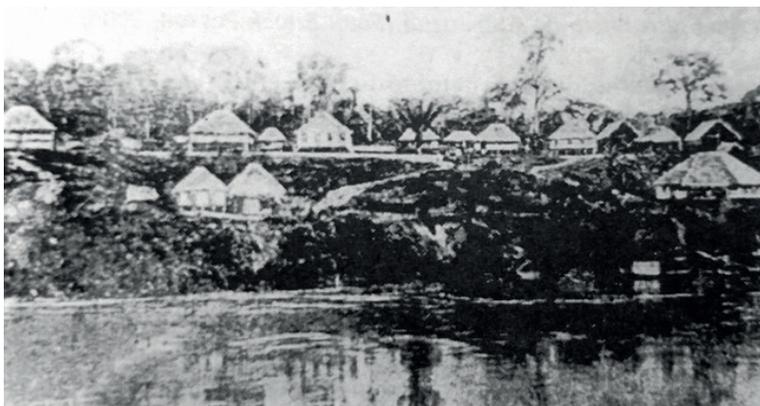
Ponte Estaiada de Cruzeiro do Sul – Acre.



Vista atual de Cruzeiro do Sul. Destaque para o céu de diversas tonalidades.



Busto do Marechal Gregório Taumaturgo de Azevedo, na Praça da Bandeira, defronte à Catedral de Nossa Senhora da Glória, em 2019.



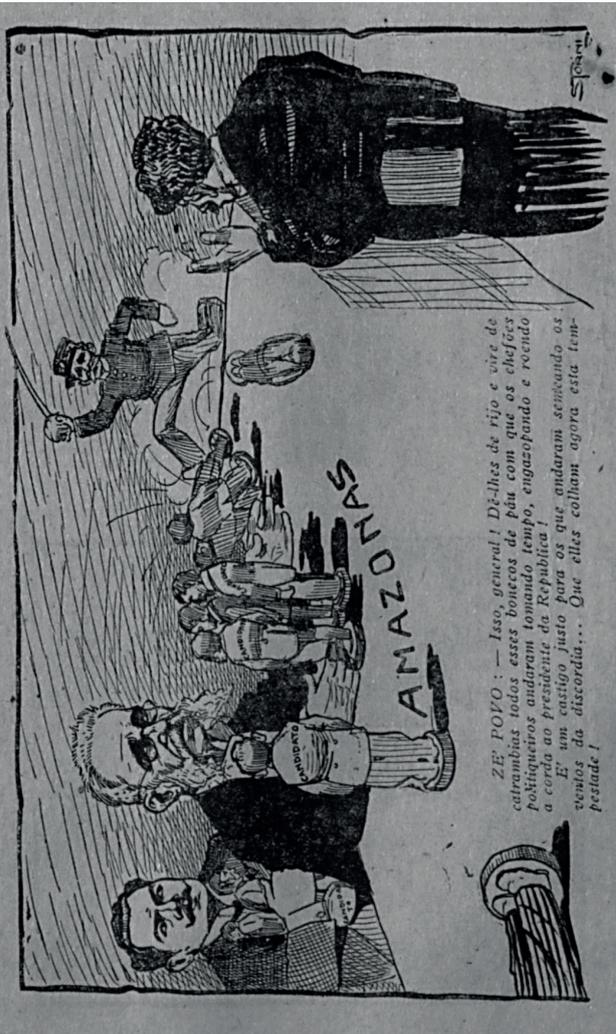
Seringal Minas Gerais em 1904.



Cidade de Marechal Thaumaturgo – AC.

NO AMAZONAS: FEITIÇO CONTRA FEITICEIROS

"Depois de terem sido lembrados muitos candidatos á successão do Amazonas, quer pelo governador, quer pelo partido do Sr. Silverio Nery, quer ainda por outra facção, surgiu á ultima hora a candidatura do general Thaumaturgo de Azevedo, apresentada por um grupo de amigos d'esse antigo governador". — (Dos jornales)



ZE' POVO: — Isso, general! De-lhes de rijo e vie de castambias todos esses boneros de pau com que os chefes politiqueros andaram tomando tempo, engazofando e roendo a carne do presidente da Republica!
E' um castigo justo para os que andaram semcundo os ventos da discordia... Que elles colham agora esta tempestade!

Fonte: O Malho, Ed. 716 ano XV – 3 de junho de 1916.

LIMA BARRETO, TAUMATURGO E A RUA DA INFÂNCIA

[Dílson Lages Monteiro]

Ruas bem que poderiam ser apenas caminhos de passagem... Acontece que, por onde passamos, fica também um pedaço de nós: um modo de a natureza se organizar, um modo de olharmos, um modo de o homem se relacionar com o espaço urbano. Um modo de existir. Um modo de transformar.

Transporto-me para a pequena cidade da infância e pré-adolescência. Vivi meus treze anos iniciais em uma rua de nome Taumaturgo de Azevedo. Tenho vaga lembrança da chuva escorrendo pela areia, aí pela década de 1970, quando os paralelepípedos se restringiam a um punhado de ruas centrais mais ligadas ao entorno da igreja. O pensamento revive outras chuvas velozes, já na rua de calçamento, despejando água para além da cerca de madeira onde ela esbarrava. Para além, onde se formava grande lagoa em quintas do coronel Alcides. Por onde se aventurar era certeza de cruzar com bichos peçonhentos e muito lixo.

Surgiu o dia em que puseram a cerca ao chão. Era uma vez um curral. Veio o trator. Dividiu um campo de futebol

ao meio. Eliminou os resquícios da antiga quinta. Ampliou os quatro quarteirões por traz da igreja matriz em longo estirão de aproximadamente meio quilômetro. Retidão que dá alegria ver. O progresso chegava. Casas, calçamento, água encanada, luz. Ainda assim, parte da lagoa borbulha o coaxar de sapos nas invernadas até que, em definitivo, seja aterrada para sempre e as águas do céu procurem um caminho natural para chegar ao rio para onde se atiram.

Certo tempo, descobri que além de rua Grande, a primeira designação, também se chamou Getúlio Vargas. Em 1938, ao nomearem novos logradouros e mudarem os nomes de outros, entre os quais, a rua paralela ao rio Marataoã, que de José Antônio Rodrigues, primeiro presidente do Conselho Colonial da Vila de Barras do Marataoã, passaria à denominação de David Caldas. Homenagem à grande expressão do jornalismo piauiense no século XIX, igualmente nascido em área então correspondente ao histórico município.

Uma pequena digressão. Há alguns anos, conheci o que restou da fazenda Olhos D'água dos Azevedo, em área que compreendia a antiga Barras do Marataoã. Em publicação específica sobre essa fazenda centenária, li que Taumaturgo descendia de antigo ramo dos Castello Branco ali radicado. Necessito ainda estabelecer as associações devidas... Cresceram minhas hipóteses em saber em que região da antiga vila de Barras ele vivera os primeiros 14 anos de vida, antes de seguir a carreira militar.

Antepassados seus estavam entre os fundadores do Retiro da Boa Esperança, hoje o município de Esperantina,

no Piauí. Curiosamente, descobri que é da mesma gente do famoso jornalista David Caldas, conforme me relatou recentemente a historiadora Teresinha Queiroz, em resposta a uma desconfiança genealógica minha sobre a ligação de ambos e à suposta localização da fazenda Mourrinhos, onde nascera o notável jornalista, e ainda incógnita e imprecisão nos tempos correntes. Aliás, a vivência e as memórias de muitas figuras de trajetória cultuada pelo chão do rio Marataoã consta apenas do registro de nascimento e de suas projeções fora da Terra-Berço. Mas isso é conversa para outra prosa.

Pois bem. Taumaturgo tornou-se um homem público notável na República Velha. De expressão nacional. Na política e no exército. Galgou o posto de Marechal. Governou o Amazonas e o Piauí. Fundou cidades naquele estado. Projetou-se como importante figura na definição do território brasileiro ao Norte. Tornou-se até personagem de romance. Uma rua no lugar onde nasceu, onde quase nada se sabe coletivamente sobre a história de superação dele, ainda que justo reconhecimento aos feitos do militar, diz quase nada para o muito que alcançou como homem para além de seu tempo. Entre essas conquistas, a fundação da Cruz Vermelha brasileira.

Em passeio pelas crônicas de Lima Barreto, crítico mordaz da destruição arquitetônica do Rio de Janeiro Colonial, figura um Taumaturgo, porém, bem diferente do que aparece na história oficial. Lima se celebrizou como um inquieto literato, que foi a fundo nas contradições da

sociedade brasileira e, há mais de um século de seus livros, as páginas de resistência escritas por ele continuam tão atuais quanto ao tempo em que a tinta as cravou em papel. Estão aí “Os Bruzundangas” a dizerem que a mesquinhez das elites nacionais é a mesma de um século atrás.

Em extensa crônica datada de 10 de agosto de 1919, em humor que lhe é próprio, Lima questiona a atuação da entidade benemerita fundada e dirigida por Taumaturgo. Inquiri, sobretudo, a grandeza da construção da sede da Cruz Vermelha brasileira e as boas intenções de seu mentor:

“O senhor Taumaturgo de Azevedo, que disputa ao Senhor Câmara o número de ‘crachás’ universitários: que é doutor em uma porção de coisas, o senhor Taumaturgo de Azevedo devia saber como todos sabem, que, atualmente, é aconselhada pelos higienistas de todo o mundo a construção de hospitais em pavilhões nivelados. Os motivos são óbvios e estão ao alcance da mais mediana inteligência que tenha a mais mediana cultura. Como é então que o Senhor Taumaturgo (será por causa do nome?) quer fazer um hospital moderno ao jeito dos antigos?”

Mais poderia anotar sobre o rosário de ironias de Lima, mas prefiro ficar com a imagem de Taumaturgo reverenciada. Bairrismo? Ingenuidade? Talvez. Prefiro a visão de um Taumaturgo que se confunde com a da rua Grande da Cidade Natal. Sempre a imaginei maior do que realmente o é. Prefiro ficar com a rua sinestésica. A mesma sobre a qual à distância versejou o romancista e crítico Rogel Samuel: rua grande/em Barras do Marataoã/no Piauí,

minha paixão distante/Rua Grande/e deserta/ao fundo
a Matriz/os muros, as casas/desertos/rua larga e grande/
batida pelo sol pelo/silêncio do sol/seguida pelos/passos/
silenciosos passos/dos nossos antepassados/ilustres/
dos nossos personagens/Fileto, Taumaturgo/ó memória
nativa/ó glória que não se apaga/traços/passos/na rua
grande/da história.

A VELHA RUA GRANDE DE BARRAS DO MARATAOÃ

[Elmar Carvalho]

Na minha meninice e adolescência, na época das férias escolares, algumas vezes, fui passar dias em Barras; eu notava que estava chegando no momento em que o “horário”, do tipo gaiola, começava a descer a curva da ladeira. Logo eu avistava a ponte e a barragem, de margens então muito verdejantes. Às vezes, ao olhar para a direita, eu avistava um ou dois caminhões, que iam buscar areia ou barro para alguma construção. Sentia que a cidade trabalhava, que a cidade progredia.

Ao deixar a estrada, o ônibus entrava na Rua Leônidas Melo, e parava na agência, no centro da cidade. Algumas vezes, eu ia passar dias em Ameixas, uma localidade rural perto da cidade, hóspede de dona Noca e João Cardoso, nossos parentes. Outras vezes, ficava na cidade, acolhido por Salomão de Sá Furtado, primo de meu pai. Ele morava na antiga Rua do Fogo, cujo nome fora mudado para Leônidas Melo, em homenagem ao ilustre médico barrense, que governara o Piauí por dez anos.

A Rua Marechal Taumaturgo de Azevedo, outrora chamada Rua Grande, lhe fica perto, e lhe segue paralelo até o centro da cidade, quando passa na frente da Prefeitura. Passava na frente da igreja velha e passa por trás da igreja atual, isto porque o vetusto templo católico, demolido, era voltado para o rio e para o poente, ao passo que o novo, construído em seu lugar, tem o frontispício direcionado para o nascente. Taumaturgo fora outro dos vários governadores, que nasceram na Terra dos Governadores, epíteto da velha urbe. Mas Barras não é apenas terra de governadores, mas também de marechais, generais, escritores, artistas e poetas. Poderia citar vários. Mas não o farei. Ficarei adstrito ao meu tema, que é a velha rua.

Contudo, alguma coisa devo dizer sobre o epônimo desse logradouro. Taumaturgo foi o primeiro governador republicano do Piauí. Probo e eficiente administrador público, foi também governador do Amazonas. Era bacharel em Direito e engenheiro militar. Para não me repetir, transponho para esta o que dele já disse em outras páginas: “Gregório Taumaturgo de Azevedo, filho de Manoel de Azevedo Moreira de Carvalho e Angélica Florinda Moreira de Carvalho, nasceu em Barras (PI), em 17-11-1853, e faleceu no Rio de Janeiro, em 29-08-1921. Fundou a cidade de Cruzeiro do Sul (Acre) e a Cruz Vermelha Brasileira, da qual foi presidente. Segundo o escritor e romancista Rogel Samuel, foi ele quem traçou o plano da cidade de Manaus. Encerrou sua carreira profissional como marechal do Exército Brasileiro.”

Como disse, meu anfitrião era Salomão de Sá Furtado. Era ele um exímio operador de aparelho morse. Funcionário do antigo Departamento de Correios e Telégrafos - DCT. Ele não precisava ver a fita com os sinais gráficos do morse. Só pelo som, ele sabia o conteúdo da mensagem recebida. Coisa rara na época, ele tinha uma biblioteca em sua casa. Entre outros volumes, possuía uma coleção do detetive Sherlock Holmes, da autoria do célebre Conan Doyle, e uma de livros sobre a Segunda Guerra Mundial. Folheei e li algumas páginas desses volumes.

Além de amante da leitura, ele tinha uma redação admirável, elegante, escorreita, e uma linda letra, estilizada, digna dos melhores calígrafos. Muitos anos após, quando participei da obra coletiva Galopando, lhe mandei um exemplar. Poucos dias depois, ele acusou o recebimento, através de uma bela missiva, em que dizia antever o meu futuro literário. Qual seria esse “futuro” não serei cabotino para revelar. Mas essa previsão alvissareira sem dúvida era fruto da amizade que ele tinha por meu pai, e que era correspondida na mesma intensidade.

Em artéria perpendicular às ruas Taumaturgo e Leônidas, a um ou dois quarteirões, ficava a casa de Domingos Lucas, também nosso parente. Ele tinha uma vitrola grande, tipo móvel de madeira, e muitos discos de vinil. Algumas vezes, ouvi esses LPs. E me entretive a ouvir belas melodias instrumentais, a maioria marchas e dobrados, músicas que ouvira em retretas, solenidades cívicas ou cantaroladas por meu pai.

Na proximidade do local em que essas duas ruas se encontravam com a estrada que segue para Teresina ou Campo Maior, havia uma serraria, onde eram empilhados vários troncos de árvores. Passando nas imediações, às vezes eu ouvia o ruído estridente das serras, na faina de fazer as tábuas ou outras peças de madeira. Tomando o sentido contrário, a Rua Leônidas Melo se interligava com a estrada que ia para a cidade de Batalha. Mas bem antes, ficavam a agência, onde os ônibus paravam, e o centro histórico e comercial da cidade.

Próximo ficavam a Matriz de Nossa Senhora da Conceição e a praça no seu entorno, cujo nome era Senador Joaquim Pires Ferreira, outro filho ilustre do município. Na época, a praça era bem cuidada. Muitas árvores eram podadas de forma artística, de modo que as copas se tornavam verdadeiras esculturas geométricas, algumas cônicas, outras esféricas ou cúbicas. Nessa praça, encontrava-se o busto do Marechal Firmino Pires Ferreira, que também fora Senador da República. Perto ficavam o rio e a formosa Ilha dos Amores, cujo nome romântico e épico remete aos Lusíadas e Camões. Não sei se as ninfas percorriam a mata que lhe guarnecia e lhe dava encantamento.

Perto da casa do Salomão, existira outrora um cemitério. Dele não restou o menor indício. Nele certamente foram sepultadas personalidades históricas de Barras e mesmo do Piauí. Nada restou, nem mesmo uma lápide, ou um anjo de pedra, ainda que de asas decepadas, ainda que anjo da morte. Nada restou, repito, sequer um memorial em lembrança

do velho campo santo e de seus habitantes. Creio que nem mesmo as almas passem por ali. Nem mesmo a sombra da sombra de um cipreste ou de um velho túmulo. Nada. Nenhum vestígio.

Pela Taumaturgo ou pela Leônidas Melo e depois pela estrada, se ia para a velha barragem, que na época exibia exuberante floresta. O banho em suas águas tépidas e límpidas era muito agradável. Perto dela havia o memorial da Alda, falecida jovem, no dia de seu casamento, vítima de desastre rodoviário. Sua alma foi canonizada pelo povo, que a considera milagrosa. De Alda eu pude dizer em versos que morrera “virgem, na vertigem de um sonho que num átimo se fez e desfez”.

Nesse entorno, em certa noite perdida em algum desvão do tempo, eu e mais três amigos, seguindo a sonoridade atrativa de um frenético, vibrante e rítmico atabaque, fomos parar no terreiro de um salão de macumba. Estávamos a entreter animada conversa e flerte com as jovens filhas da mãe-de-santo, quanto ela nos pôs a correr, armada com um cabo de vassoura. Só não digo que ela era uma bruxa, porque não voou em nosso encalço.

Em minha adolescência, nas proximidades das ruas Taumaturgo e Leônidas Melo, mais precisamente no final da rua Manoel da Cunha, havia a churrascaria Beira-Rio. Por volta das onze horas, eu e mais dois amigos íamos para lá, para tomarmos um refrescante banho no manhoso, saudoso e amoroso Marataoã. Comprávamos uma meiota de pinga, e ficávamos a bebericar lentamente e a banhar.

Então, apareciam umas belas jovens, talvez as ninfas da Ilha dos Amores. Meus olhos se embebiam e se embeveciam nos olhos dessas sílfides, olhos que refletiam o brilho das ondulações do rio, de modo que eu pude cantar, muitos anos depois:

Terra de uns olhos fluidos,
Feitos de mágoas, magia e garridice,
Embebidos na ciganice das águas.

São tantas as emoções, e tantas as lembranças, que acho mais prudente pingar um ponto final nesta crônica tão emotiva, tão sentimental e encharcada de saudade.

TAUMATURGO DE AZEVEDO NO AMAZONAS

[Fábio Augusto de Carvalho Pedrosa]

Gregório Taumaturgo de Azevedo (1853-1921)

Gregório Taumaturgo de Azevedo nasceu no dia 17 de novembro de 1853, na Vila de Barras do Marataoã, atual cidade de Barras, no Piauí. Foram seus pais Manoel de Azevedo Moreira de Carvalho, Tenente da Guarda Nacional, e Angélica Florinda Moreira de Carvalho.

Taumaturgo dedicou sua vida, desde tenra idade, à carreira militar, tendo sentado praça no Exército em 1868, aos 15 anos, como segundo cadete do 1º Regimento de Cavalaria. Dois anos depois, ingressa na Escola Militar do Rio de Janeiro, tornando-se alferes em 1874. Como outros jovens militares daquele período, formou-se em Matemática e Engenharia Militar.

Em 1879, foi nomeado Secretário da Comissão de Limites do Brasil com a Venezuela, que tinha como líder Francisco Xavier Lopes de Araújo, o Barão de Parimã. Seu primeiro contato com o Amazonas, então Província, se deu em 1884, quando para lá foi enviado como Comandante Geral das Fronteiras do Império Brasileiro e

Inspetor de Fortificações. De volta de sua missão, cursou Direito na Faculdade de Direito do Recife, concluindo o curso em 1889. Reconhecido pelos serviços prestados, foi nomeado o primeiro Governador republicano do Piauí, ficando no cargo de 26 de dezembro de 1889 a 4 de junho de 1890. Nesse tempo, empreendeu algumas reformas no orçamento, no funcionalismo e na educação pública do Estado.

Posteriormente, Taumaturgo voltaria ao Amazonas, mas agora no contexto Republicano, marcado por intensas disputas entre os partidos Democrático e Nacional. Após a rápida passagem do primeiro Governador republicano do Amazonas, Augusto Ximeno de Villeroy, assumiu o Governo do Estado Eduardo Gonçalves Ribeiro, até então Oficial de Gabinete e Diretor de Obras Públicas.

O governo central destituiu Eduardo Ribeiro, do Partido Democrático, de seu cargo, nomeando para o governo o coronel Gregório Taumaturgo de Azevedo, antigo governador do Piauí, que naquele momento, encontrava-se em Recife. A notícia da destituição de Eduardo Ribeiro não agradou a população:

“O povo, convocado em boletim, reuniu-se à tarde, em frente ao palácio, não consentindo que Eduardo Ribeiro deixasse a governança. Aclamou-o entusiasticamente. Os oradores sucederam-se em vários pontos da cidade, protestando contra o ato dos altos poderes da República, lavrando-se uma ata (1884-1891), que foi assinada por centenas de pessoas de todas as classes sociais”.

Taumaturgo de Azevedo continuou em Recife. No entanto, o capitão de fragata José Inácio Borges Machado, a serviço do governo central, intimou Eduardo Ribeiro a deixar o governo nas mãos do Coronel Guilherme José Moreira, 1º vice-governador, e este assim o fez em 05/05/1891. Guilherme Moreira foi substituído pelo interventor federal Coronel Antônio Gomes Pimentel em 25/05/1891, imbuído da missão de executar as ordens do governo central para o Estado.

A maioria do Congresso Constituinte do Amazonas era formada por membros do Partido Democrático. Influenciado pelo interventor Antônio Gomes Pimentel, elegeu como governador Gregório Taumaturgo de Azevedo e, como vice, Guilherme José Moreira. Como Gregório ainda não estava em Manaus, Guilherme José Moreira ficou à frente do governo, tomando algumas medidas que favoreciam os membros de seu partido. Vindo do Rio de Janeiro, Gregório Taumaturgo foi empossado governador em 01/09/1891. Vendo as medidas tomadas por Guilherme Moreira, desentendeu-se com os Democráticos.

O novo governador tinha um plano ambicioso para estruturar a capital e o interior, o que demandava grandes somas. Solicitou, em 15/09/1891, o empréstimo de 14.000.000\$000. Apresentando suas medidas, mal recebidas pelos Democráticos (o empréstimo foi negado), e desfazendo algumas tomadas anteriormente por seu vice, rompeu com o partido. Tinha início, assim, a ferrenha oposição dos

Democráticos ao governador Taumaturgo de Azevedo, apoiado pelo Partido Nacional. De acordo com Arthur Cezar Ferreira Reis, as acusações contra o governador eram as seguintes:

“[...] de ter lesado o Estado em 24:000\$000 que deixara de pagar ao transferir os seus direitos à Companhia Vila Brandão, como contratante de uma empresa predial, e de ter realizado essa transferência já no governo, o que taxavam de ilegal e pouco liso”.

A situação de Gregório Taumaturgo de Azevedo piorou quando o Presidente Marechal Deodoro da Fonseca renunciou ao cargo em 23/11/1891, entregando o país ao vice Floriano Peixoto. Os democráticos contavam com o apoio de Floriano Peixoto, condição que perfeitamente delineou os rumos de uma revolta para depor o governador do Amazonas. Em meio a essa turbulência, Taumaturgo criou a Jucea (Junta Comercial do Estado do Amazonas), através da Lei nº 29 de 14 de dezembro de 1891. No dia 14 de janeiro de 1892, teve lugar a Revolta de 14 de Janeiro, como passou a ser referenciada nos jornais:

“[...] a 14 de janeiro, à tarde, teve lugar na Praça General Osório, fronteira ao quartel do exército, um *meeting*, promovido pelos democráticos. Os oradores inflamaram-se, aclamando o capitão de fragata José Ignácio Borges Machado, comandante da flotilha, capitão Porfírio Francisco da Rosa, comandante interino do 36 de infantaria, e desembargador Luiz Duarte para formarem a junta que deveria governar o Estado até a chegada de Eduardo

Ribeiro, proclamado governador na reunião. A seguir, uma comissão, composta dos srs. Lima Bacuri, dr. Almino Alvares Afonso e major Leonardo Antônio Malcher, dirigiu-se ao palácio, no propósito de intimar o dr. Taumaturgo a deixar o poder. Recebida, antes de terminar a missão de que estava encarregada foi expulsa, maltratada, espancada, jogada pelas escadarias de palácio abaixo. Houve tiros e mortos. O coronel Lima Bacuri e o dr. Almino Afonso saíram feridos a bala, enquanto o major Malcher sofria escoriações assás graves pelo corpo. O *meeting* dissolveu-se, pois os que dele participavam não dispunham de armas para reagir e o pânico era grande”.

Houve uma única morte, a do soldado do Batalhão Militar de Polícia João Fernandes Pimenta, que deixou mulher e seis filhos menores. Gregório Taumaturgo acusou o coronel Lima Bacuri de ter sido o responsável pelo disparo que vitimou o soldado. No entanto, como este também fora ferido durante a confusão, e os depoimentos serem bastante divergentes, nada foi comprovado.

Gregório Taumaturgo abandonou o palácio, mas não entregou seu cargo. Decretou, por 30 dias, estado de sítio na capital. Em outro decreto, de 22/01/1892, desterrou os principais líderes Democráticos para São Paulo de Olivença e Tabatinga:

“Art 1º - São desterrados para S. Paulo de Olivença, o Barão do Juruá, o Dr. João Franklin de Alencar Araripe e o Dr. Arminio Adolpho Pontes e Souza; para Tabatinga, o Tenente-Coronel Emílio José Moreira, Dr. Luiz Duarte

da Silva, Dr. José Tavares da Cunha Mello e Dr. Antonio Henrique de Almeida Junior”.

Arthur Reis incrementa essas informações, tendo sido também desterrados “Raymundo Antonio Fernandes, para Airão, Francisco Joaquim Ferreira de Carvalho, para Moura; e Desembargador José Antonio Floresta Bastos e capitão Leonardo Antonio Malcher para Carvoeiro”. O governo federal ficou ciente da situação, ordenando que Taumaturgo de Azevedo entregasse o governo ao capitão de fragata José Inácio Borges Machado. O governador negou e, por ordem do Presidente Floriano Peixoto, tenentes do exército e da marinha do RJ desembarcaram em Manaus, reunindo-se com os Democráticos. Ambos preferiram agir não pela força das armas, mas a partir de uma intimação. Cercado por todos os lados, Gregório Taumaturgo entregou o governo a Borges Machado, que governou de 27/02/1892 até 11/03/1892, entregando o cargo a Eduardo Gonçalves Ribeiro, que dissolveu o Congresso, sendo eleito governador, assumindo em 23 de julho de 1892.

Destituído do Governo Amazonense e acusado de conspirar contra o Presidente Floriano Peixoto, foi preso na Fortaleza de São Joaquim do Rio Branco, sendo anistiado apenas em 1895 no Governo de Prudente de Moraes, que o nomeou Chefe da Comissão de Limites com a Bolívia. No contexto de expansão das fronteiras brasileiras com a compra do território do Acre, foi nomeado Prefeito da região do Alto Juruá, cuidando das questões de fronteiras e demarcações. Funda, em 1904, a cidade de Cruzeiro do Sul.

Taumaturgo não foi apenas um militar com passagens turbulentas, mas também um homem de cultura. Raimundo Hélio Lopes destaca que ele era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), dos institutos históricos e geográficos do Ceará, Bahia, Paraíba, Piauí, Alagoas, Pernambuco e Santa Catarina, além de ser sócio correspondente da Real Academia Hispano-Americana de Ciências e Artes de Cadiz, na Espanha. Também foi sócio da Associação de Imprensa de Santiago do Chile, da Associação de Advogados de Lisboa e Sociedade Acadêmica de História Internacional de Paris e membro fundador da Cruz Vermelha do Brasil. Ao longo de sua carreira como militar, recebeu os títulos de cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz e de comendador das ordens da Rosa e do Cristo, uma medalha de ouro do Serviço Militar, uma condecoração com a medalha de 4º classe do busto de Simon Bolívar e uma Grande Placa de Honra e Mérito da Cruz Vermelha.

Falece no Rio de Janeiro em 29 de agosto de 1921. Ainda de acordo com Hélio Lopes, escreveu *Representação ao Poder Legislativo contra o ex-ministro da Guerra, Joaquim Delfino Ribeiro da Cruz* (1888), *Discurso na ocasião da pedra fundamental do novo prédio da Faculdade do Recife* (1889), *Mensagem ao comércio amazonense* (1891) e *O Acre e os Limites do Brasil*.

Agnello Bittencourt, em seu *Dicionário Amazonense de Biografias* (Conquista, Rio de Janeiro, 1973), descreveu Gregório Taumaturgo de Azevedo como um dos maiores talentos, cultura e dinamismo, blindado por um caráter forte, sempre atropelado, talvez sem o perceber, por uma

constante irritabilidade nervosa, que o incompatibilizava perante seus subordinados e amigos. Era o defeito desse vulto plutarqueano da nossa História, cuja vida andou ligada à do Amazonas” (p. 483).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário Amazonense de Biografias: Vultos do Passado**. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.

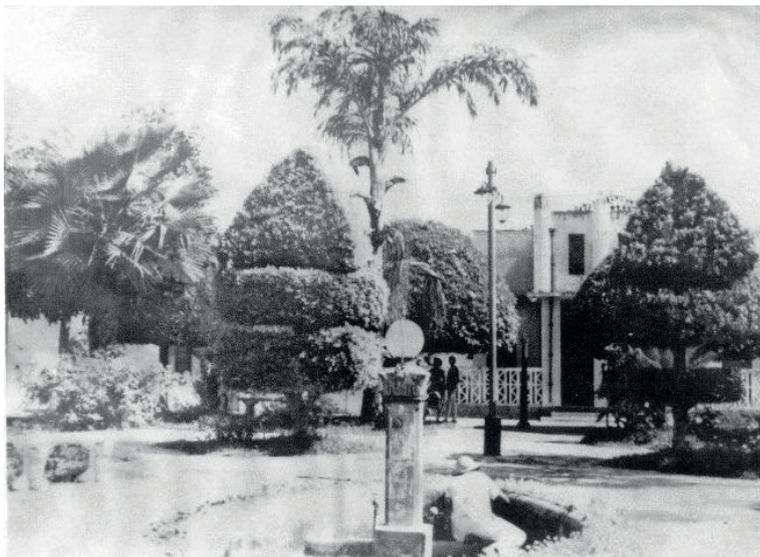
IHGB. **Gregório Taumaturgo de Azevedo (sócio falecidos brasileiros)**. s. d.

LOPES, Raimundo Hélio. **Gregório Taumaturgo de Azevedo**. CPDOC – FGV, s. d.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **História do Amazonas**. 2° ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Manaus: Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.

A PRAÇA

[Francisco Carlos Araújo]



Praça Monsenhor Bozon

Entre algumas fotografias antigas da família, uma se desconhece seu paradeiro: o retrato da minha primeira comunhão. Recordo que essa foto, em preto e branco, é de uma alegre manhã de certo domingo do ano de 1959 ou 1960, não sei ao certo. Na época, tinha eu não mais que oito anos de idade. A bela Praça Monsenhor Bozon, em Barras

do Marataoã (localizada na antiga Rua Grande, atual Rua General Taumaturgo de Azevedo), foi o cenário daquela antiga foto. O evento religioso da eucaristia havia acontecido ainda há poucos instantes na vetusta igreja de Nossa Senhora da Conceição (antiga capela construída pelo fundador de Barras, Cel. Miguel de Carvalho e Aguiar, em meados do século XVIII), localizada na Praça da Matriz, hoje Senador Joaquim Pires, bem próximo daquela.

Todo vestido de branco, com calça comprida, camisa mangas longas e panos passados, sapatos engraxados e cinturão preto, apresentava-me com galhardia e compenetração ante à maravilhosa máquina fotográfica Rolleiflex. Inesquecível momento, que ficou para sempre gravado na memória do pequeno comungante. Minha querida genitora estava radiante, logo atrás do conceituado fotógrafo da cidade. “Quando posso receber esse retrato?”, perguntou minha mãe sorrindo para o homem da máquina.

Poucos dias depois, a foto era exposta com orgulho e satisfação aos parentes e aderentes, vizinhos e amigos da minha família. Com o passar do tempo, essa arte tornou-se uma relíquia da família, não só pelo fato de registrar minha primeira eucaristia, mas também, por mostrar um dos mais bonitos cartões postais de Barras nas décadas de 1950 e 1960, a Praça Monsenhor Bozon. De fato, segundo Antenor Rêgo Filho, em seu livro “Barras, Histórias e Saudades”, esse logradouro foi uma das mais belas e lindas praças das cidades do interior do Piauí. Daí a razão da escolha do local para a memorável fotografia. Era costume da época

as pessoas se deslocarem para aquele logradouro para se deixarem fotografar. Famílias, casais de namorados, noivos; muita gente era comumente vista posando para registrar a eternidade de determinado momento naquele local.

A Praça Monsenhor Bozon teve sua denominação em homenagem ao eminente educador Monsenhor Constantino Bozon, um dos primeiros Diretores do Colégio Diocesano em Teresina (1925). O religioso era piauiense, nascido em São Raimundo Nonato.

Sobre esse saudoso espaço público dos anos 1960, o ilustre barrense Antenor Filho descreve com perfeição a sua feição física de que tanto o povo de Barras se orgulhava. Deste modo, o nobre escritor nos relata que a Praça Monsenhor Bozon continha no seu interior canteiros bem cuidados, com variadas espécies de flores carinhosamente cultivadas, além de diversas figueiras. Estas eram podadas em formato de animais ao longo do passeio externo da referida praça. Outras figueiras, de tamanho maior, imitavam cogumelos, e somavam na configuração de um belo conjunto. Para arrematar tudo isso, uma fonte luminosa, edificada no centro da praça, dava charme e elegância ao lugar. O mesmo autor descreve ainda que, do outro lado da praça, havia um bosque plantado com canafístulas, acácias, oitizeiros e bambus. Entre o bosque e a fonte luminosa, lá estava o magnífico coreto de formato sextavado e piso suspenso, com grade de proteção feita de ferro fundido, e trabalhado com bonitas figuras. Era o grande palco, o lugar mais prestigiado da praça. Continuando a

descrição, o escritor relembra que os bancos da praça eram de cimento, apoiados sobre pés de concreto em formato de figuras humanas. Acresce ainda que os postes de iluminação eram, alguns, de ferro trabalhado, enquanto outros eram de concreto, sendo que estes recebiam luminárias em globo de vidro. Quanto à fiação elétrica, era toda subterrânea, uma novidade em termo de engenharia civil. Conta-nos, finalmente, o autor do livro “Barras, Histórias e Saudades” que aos domingos e dias festivos, no alto do coreto, a banda de músicos de Barras fazia o espetáculo, tocando modinhas daqueles tempos. Fazia a alegria das crianças e adultos da cidade. A juventude desfilava, dando voltas no passeio. E no carnaval? A orquestra dava um show! Os blocos carnavalescos se apresentavam ali na praça com romantismo e graça.

Por fim, testemunha o ilustre escritor barrense, “romances eternizaram-se, ilusões desmoronaram-se, casamentos iniciaram-se e nasceram dos encontros realizados na praça Monsenhor Bozon. Era a juventude exuberante, sadia em suas confraternizações domingueiras”. Atualmente, a Praça Monsenhor Bozon não tem as mesmas características e o charme dos anos 1960; perdeu a graça e o romantismo daquela bela época.

No livro “Galápagos – Poesias de degredo”, de autoria do jovem barrense Joaquim Ferreira Neto, um poema com o título “O Coreto”, cai como uma luva nessa crônica que ora escrevo. E por esta razão, passo a transcrever a seguir, na íntegra, os versos do mencionado poeta:

“O CORETO”

Passos da banda Lira Barrense,
trazem os sonhos de menino,
a desovar nas canções e cantigas.
A inocência de menino busca o sopro,
vista pelo predador trombone,
No entanto o sangue ferve.
Tece o sopro musical feito à brisa de outubro,
reincide o sax de som tão efêmero.
No entanto arrastando as marchinhas,
o canto a bordo das crianças,
dos idosos e do povão.
A canção afunda os ouvidos nas rachaduras,
Da vida de um passado local,
O que é nostalgia,
vira lembranças,
e o que é viagem,
vira esperanças.
O coreto de cimento
é o trilho do vagão das canções líricas!
No sopro vivo da linda, monsenhor Bozon.

Em 1970, o então prefeito decidiu, inexplicavelmente, reformar a praça, modificando totalmente sua fascinante estrutura arquitetônica, mantendo, porém, a sua denominação antiga: “Praça Monsenhor Bozon”. Hoje, “a praça não tem graça”, poder-se-iam dizer assim os mais antigos moradores da cidade.

Quanto à destruição da Praça Monsenhor Bozon, abaixo transcrevo o protesto contundente do ilustre e exaustivamente citado autor de “Barras, Histórias e Saudades”.

“Infelizmente, por desconhecimento de governantes, ignorantes a respeito da conservação de monumentos e de memórias dos povos, não se soube preservar para as futuras gerações esses marcos erguidos pelos nossos antepassados com muitos sacrifícios. Nossa praça foi demolida, sem nenhuma razão, em 1970, pelo prefeito da época, (...)”

P.S: Crônica escrita antes das intervenções urbanas na praça Monsenhor Bozon, no início de 2021.

RUA GRANDE DA MEMÓRIA

[Francisco de Assis Carvalho Filho]

Quando criança, na década de 1970, eu e meus irmãos passávamos férias em Barras na casa de meus avós, Seu Conrado Amorim de Sousa (Corando) e Dona Olga Fernandes de Amorim. Entre todos os entretenimentos que realizávamos, ir à casa das amigas e parentes de minha avó, as Moraes, na Rua Grande, era um dos momentos mais prazerosos. Além da hospitalidade e do carinho dispensados por todas da casa, em especial a Tia Neusa, brincar no quintal era um sonho para toda criança, havia uma diversidade enorme de frutas e árvores. Lembro-me do pé de groselha, de limãozinho, de sapoti e de goiaba. Deliciávamo-nos com essas frutas: subíamos nas árvores para retirá-las.

A Rua Grande é rua de memórias imorredouras. A principal artéria onde o fluxo de pessoas, mercadorias e relações socioculturais se desenvolvem e contribuem para a organização espacial da minha cidade. É a rua apoteótica por onde se desfilam todas as manifestações; sejam elas religiosas, com suas procissões; sejam políticas, com suas passeatas, sejam culturais, pois é passagem obrigatória dos “Bois de Pano” e suas matracas, bem como, dos blocos de sujeitos no Carnaval.

Rua Grande e larga, com seus paralelepípedos (pelos menos assim o é na memória dos que a conheceram sem o asfalto) perfeitamente talhados em rochas areníticas e bem aplainados, sem necessidade de outro tipo de pavimentação, pois essa técnica de construção de calçamentos é mais uma característica de nossa Barras do Marathaoan, motivo de orgulho de todo barrense.

A organização espacial da nossa cidade de Barras está intrinsecamente voltada para a fazenda de gado do primeiro fazendeiro que aqui se instalou, Miguel Carvalho de Aguiar, nas margens do rio Marathaoan. A Rua Grande passou a ter uma função preponderante como via de escoamento de nossas riquezas oriundas do extrativismo vegetal (a amêndoa do coco babaçu, o pó da carnaúba e o tucum), como também da pecuária (animais para o abate, a pele de caprinos e o leite) e tantos outros derivados dessas atividades que foram os alicerces da nossa economia.

Os grandes comércios, armazéns e casarões concentravam-se na Rua Grande. Ao longo dos últimos 100 anos, vivem ainda na lembrança o grande comércio do “Zé Fernandes”, o de Fernando Carvalho de Almeida, o de Dayton Alves, o de Raimundo dos Couros, o de João Hugo, o de Zezé Torres, o de Aurélio Carvalho, o de Cláudio e o de Birica. Os sobrados do Coronel Lincoln Correia e a Casa Paroquial. Os casarões do Coronel Tote Castello Branco, do Coronel Lulu Fortes Castello Branco, das Mota, do Coronel Dico Gonçalves, do Dr. Antônio Carvalho, de Amanda Carvalho, do senhor Regino Melo,

das Morais, mais recentemente, do senhor Umbelino Lages e tantos outros.

O movimento de tropas de animais transportando tais produtos era por ela intenso. Essa era a vida da minha cidade e o fluxo diário da Rua Grande. Essa dinâmica fortaleceu a importância da Rua Grande, que teve uma função de segregação espacial dentro do sítio urbano, pois separava a cidade em duas metades, atravessando todo o perímetro urbano no sentido Norte-Sul, conectando os bairros mais populosos na atualidade, Boa Vista, Pedrinhas, Floresta, Santinho e tantos outros, além de interligar a Região da Mata e vários municípios do Norte do Estado. Fazendo uma analogia ao principal meridiano, o de Greenwich que separa dois hemisférios, o Oriental e o Ocidental.

Paralelamente à Rua Grande, surgiu a rua José Antônio Rodrigues, que passaria a se chamar posteriormente de rua David Caldas; em função de sua sinuosidade e estreiteza, ela ficou denominada popularmente de Rua da Tripa. Ela teve uma grande importância para as primeiras famílias que ali construíram suas residências, devido à proximidade do rio Marathaoan, fonte de água para o abastecimento dos potes para beber, de banhos, pesca e lazer.

Em diferentes momentos, surgem à recordação a casa da Lilica, do Alexandre da Nevinha, do Machado da Luzia, do Joãozinho Carvalho (meu avô), do Vicente Adélio, do Pinoca, do Zé Goló, Alcidinho Lages e tantas outras. Todas as residências dessa rua têm como característica comum, uma pequena espessura na largura dos terrenos, mas, em

contrapartida, os comprimentos dos lotes são enormes, estendendo-se até o rio e eram utilizadas cercas de “faxina” como limites (atualmente perderam área para a implantação da avenida Beira Rio).

Essa é a Rua Grande, que em minha memória, é espaço das mais agradáveis recordações e um pedaço de meu coração. Não imagino Barras sem suas casas nem a fisionomia que a conservou como um dos marcantes lugares da história da cidade que mora em mim.

NA PONTA DA RUA GRANDE

[Francy Monte]

Barras do Marathaoan, cidade
Taumaturgo de Azevedo, a rua,
“Trechos do Meu Caminho”, saudade,
O mesmo sentimento continua.

De toda idade, brincadeiras,
A roda de conversas nas calçadas.
Pegar castanhas das amendoeiras,
Quintais com frutas do pé tiradas.

Casas grudadas, parede e meia
Laços de família na rua inteira
Uchoa, Veloso, Veras, Correia,
Castro, Melo, Moraes, Pires, Ferreira.

Festa na ponta da rua grande
Amigos brincando na mesma fonte:
Lustosa, Brasil, Lages, Fernandes,
Monteiro, Miranda, Carvalho, Monte.
Na trilha sonora da lembrança

As canções da Voz do Campanário
Namoro, sentimento, aliança
Poeiras do tempo do horário.

Cheiroso, boliche, durindana,
Água vinda vindo de ancoretta,
Beleza feminina soberana,
A Coluna da Força que se meta!

LEMBRANÇAS DA RUA GRANDE

[Gisleno Feitosa]

1. Rachadura Mental

Cheguei a Barras no início de 1976. Lá encontrei por acaso a princesa de meus sonhos e nos casamos, em 1978. Como “quem casa, quer casa”, empreguei meus caraminguás na construção de um lar, ao meu gosto (e da patroa, lógico). Situada na esquina da Rua Grande ou General Taumaturgo de Azevedo, próximo à Legião Brasileira de Assistência (LBA), cercada de amigos como o Jota, Pedro Gonçalves, Chicó, João Hugo, Umbelino e muitos outros.

Bem instalado, esbanjava felicidade. Mas, aos poucos a alegria foi dando lugar à preocupação que não tardou a se transformar em desespero. Passei a notar rachaduras nas paredes externas da casa nova, as quais, dia a dia, aumentavam. Eu já não conseguia dormir. Resolvi consultar dois especialistas: um engenheiro e um arquiteto, em Teresina. Sábado pela manhã, lá estava eu, trêmulo, café pronto, aguardando a comitiva que selaria a minha sorte ou condenaria o serviço caprichoso do Gonçalo e sua equipe. A essa altura, alguns profetas do apocalipse, de plantão,

já traçavam o trajeto da rachadura, saindo do prédio da LBA, atravessando a rua grande, cruzando o meu terreno, prognosticando o engolimento da minha casa por uma brecha que seguiria até o rio Marataoan.

Os homens chegaram com duas horas de atraso, tomaram o lauto café com tapioca, cuscuz e bolo frito e foram “estudar o terreno”, inicialmente; para depois, “estudar a construção”.

Levaram umas duas horas confabulando, enquanto o meu coração disparava e o suor escorria por entre os dedos e descia no espinhaço.

Chegada a hora do veredito, os safados caíram na gargalhada e se puseram a arrancar nacos do reboco com um estilete, zombando de minha cara de perturbado.

As fissuras detectadas não passavam de trincas, decorrentes da falha no preparo da argamassa, por um auxiliar inexperiente.

Como “não há mal que não traga um bem”, uso esse fato para explicar às pacientes ao chegarem à clínica assustadas com um cisto de ovário benigno e funcional ou com um miomasiinho. De tão pequeno, deveria ser chamado de meu mimo e tratado como um pearcing de estimação.

Transferido para Teresina, vendi a casa para o comerciante Raimundo dos Couros que depois repassou para o empresário Raimundo Bastos da Silva, o popular Raimundo Birica.

A casa ainda hoje está de pé!

2. Bilhete Enjeitado

Estagiando em Teresina, lá eu ficava de segunda a sexta-feira, entre o HGV e o Hospital Santa Maria, retornando a Barras no sábado para assumir os plantões, no final da semana.

Depois do café da manhã, antes de sair para o Hospital Leônidas Melo, dei uma lida rápida nas manchetes do jornal. Uma delas me chamou a atenção: “*Prêmio da Loteria Estadual do Piauí (Lotepi) sai para Barras*”.

Nesse momento, Dona Salvina passava por trás da cadeira, com uma trouxa de roupa que seria encaminhada à beira do rio Marataoan.

Aproveitei para puxar conversa e disse:

– “*Armária, minha filha, o prêmio da loteria saiu pra cá e você nem se interessou em comprar um bilhete*”. Ela com cara de desprezo, fez um muxoxo e continuou o seu trajeto. Retornou logo depois, com um bilhete na mão, resmungando:

– “*O saliente do João Mandioca, ontem bateu aqui no portão, oferecendo um bilhete de loteria. Eu despachei ligeiro e fechei o portão. O teimoso, não tendo o que fazer, jogou o bilhete inteiro por cima do muro e correu. Abri o portão e só o vi correndo, dobrando na rua da casa da Mazé Miranda. Taí, o diacho do bilhete*”.

Abri ligeiro e conferi os números que batiam direitinho com os números sorteados.

Bendito “bolhete” que patrocinou a nossa mudança para a capital. Com ele, compramos a casa que fora do Professor Arimatéa Tito Filho, no antigo Conjunto IAPEP, próximo ao Elias do Camarão.

BARRAS ANOS 50/60 – A TURMA DE BAIXO, A TURMA DA “PONTA DA RUA GRANDE”

[Manoel Monte de Carvalho Filho]



Rua Grande (Rua General Taumaturgo).
Barras do Marathaoan - Piauí. Anos 50 - 60.

Uma viagem na carroceria de um caminhão, dirigido por Curicaca, Enoque ou Hadock Dias, trazia a Família Manoel Monte de muda, da Fazenda Lagoa Seca para a

zona urbana, à sede da cidade de Barras do Marathaoan, numa viagem cheia de saudade, carregada de tudo que ficava para trás e cheia de medo pelo que ia começar a acontecer.

Papai alugou uma casa, localizada na “Ponta da Rua Grande”, assim é que era conhecida a Rua General Taumaturgo de Azevedo, no seu trajeto da esquina da Praça Monsenhor Boson em direção ao Bairro Boa Vista. Trecho em considerável declive de onde era comum a expressão: “vamos descer a rua Grande”.

Tudo era novidade para nós. Clube social, lojas, mercearias, padarias e o mercado que de um tudo vendia. Uma suntuosa e centenária igreja, a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, tornou-se o santuário da nossa fé. Duas belas praças, cuidadosamente, cuidadas, a Praça Monsenhor Boson e a Praça Senador Joaquim Pires, que favoreciam encontros e facilitavam entrosamentos.

O ingresso formal no nosso processo educacional era através da escola pública municipal, o Grupo Escolar Matias Olímpio, e a Escola São Pedro Nolasco do Patronato Mons. Bozon, escola particular sob a direção das Irmãs Mercedárias, que contribuiu de forma significativa para ingressarmos na vida cotidiana da cidade.

No quarteirão onde moramos, a nossa casa era a da esquina, ao lado de um grande salão onde funcionava a coletoria federal. Logo em seguida, vinha a Durindana, uma mercearia de propriedade do Alexandre, casado com a Teresa da Dona Maru, mãe do saudoso Júlio Verne. Em seguida, ficava a residência da Família do Senhor Chico

Cardoso e, por fim, a residência do Senhor Zezin Miranda, em cuja esquina tinha uma loja de tecidos.

No quarteirão da frente, na esquina, tinha a Quitanda do Zé Barbosa, colada na casa da Dona Amanda Carvalho e, depois, vinha a casa da Vovó Sinhara Monte, seguida de um grande terreno vazio que ia até a esquina.

No quarteirão seguinte, descendo a rua, do nosso lado, ficava a maior quitanda de Barras, a Quitanda do Mestre Aurélio Carvalho (Boliche 450) e a sua imensa casa de morada. Em frente, a casa do Batista Lustosa e, na esquina, a Quitanda do João Cheiroso.

Subindo a Rua Grande, do nosso lado, na esquina, era a casa residencial do Senhor Oto Pires, e, logo a seguir, outra casa, que não lembro quem morava, só sei que hoje é a residência do Chicó Lustosa, ao lado a casa do Senhor Erasmo Moraes, que após o seu falecimento, ficou como moradia de suas filhas: Zilda, Zuzu, Zizi e Conceição. Logo após, vinha a sede da Legião Brasileira de Assistência - LBA e, na esquina, em frente para a Praça, o Posto de Saúde Doutor Mário Teodomiro de Carvalho, atual sede da Academia de Letras do Vale do Longá. Antes de ser o posto de saúde, foi a primeira casa do Coronel Regino Melo, que construiu uma casa na esquina em frente e lá foi residir.

O quarteirão em frente era ocupado na esquina pelo Barras Clube. Logo a seguir, a casa residencial do Doutor Zé Lages, que tinha como vizinho o Senhor Chico Luís. Depois vinha uma casa que não lembro de quem era, e, logo após, o salão onde funcionava a Voz do Campanário, o serviço

de amplificadora da Paróquia, e ainda, a casa Paroquial ocupada pelo Monsenhor Lindolfo Uchôa. Por fim, a esquina que era a casa do Coronel Regino Melo, pai do Governador Leônidas Melo e que, após o seu falecimento, passou a ser a casa de morada da sua filha a Dona Olinda Melo, que, infelizmente, foi derrubada. Mais um patrimônio demolido.

Neste perímetro, convivia uma juventude sadia, adolescentes das mesmas vivências: matinês, banhos de rio, a escola, o sentar nas calçadas, as brincadeiras de rodas, assistir os primeiros filmes de amor no Cine Teatro Barras, o voltear nas praças, as primeiras danças de rostos colados no Barras Clube e no Cine Teatro, os primeiros flertes e os primeiros namoros. Os “dramas da Dona Helena” eram eventos teatrais dos quais participavam as turmas de Cima e de Baixo.

Meninas na flor da idade, todas de exuberante beleza, hormônios despertando fantasias, sonhos e confidências.

Essa “Coluna da Beleza” era formada por Lourdes Borges, Mazé, Socorrinha e Marta Monte, minhas irmãs; Socorro, Rosa e Delzira Monte, minhas primas, Olindina, Remédios, Regina Medeiros e, ainda, Socorrinha Belém (dos Guabiraba), Regina Mendes de Carvalho (da Jesus da Amanda), Socorro e Maria Alice (do Brás Neves), Territa (do Zezin Miranda), Elissa Landi (do Chico Cardoso) e Socorro Medeiros.

Morando nas proximidades também se enturmavam: Mazé, Jesus, Ceixa e Graça Miranda do Mestre Cravo, a Graça do Antenor Rêgo, Aldenez, Socorro e Conceição

da Dona Nevinha, a Mirian Fernandes da Dona Olga e a Kukuta.

Os rapazes da rua, que formavam a “Coluna da Força”, eram: Arimatéia e Chiquin Cardoso, meu irmão Joaquim Monte, o primo Salvador Monte da Vó Maroca, os primos Otacilin, Antônio Carlos e Hamilton do Tio Otacílio, Jomar e Antônio Carlos do Zezin Miranda, Áureo, Matusalém, Tonico e Rivadavia do Brás Neves, Cauby e Wagner Carvalho do Mestre Aurélio e se achegavam para compor o grupo os irmãos Francisquinho, Lázaro e Aécio, do seu Joãozinho Carvalho, o recém-formado em medicina Dr. Delson Castelo Branco Rocha, o Manoel Pires, o Gerado filho do Tonico Miranda, que era da Turma de Cima, mas namorava uma das meninas da Turma de Baixo.

Uma época em que as pessoas conversavam mais. Tinham mais tempo para fortalecer as amizades, numa convivência amigável e respeitosa, tudo moldado dentro dos rígidos princípios morais e cristãos.

O tempo, inexoravelmente, passa. Todos tomaram seus rumos, alguns permanecem em Barras até hoje, outros ganharam mundo afora e plantaram noutros lugares a alegria de viver aprendida em sua terra natal, a eternamente querida Barras do Marathaoan, a Terra dos Governadores.

UMA RUA QUE PASSA EM MINHA VIDA

[Ramon Vieira de Carvalho]

Parece-me, francamente, que uma vida inteira de felicidade se resume à infância e à adolescência. As melhores lembranças e os momentos adormecidos de alegria insistem em trazer de volta a fase pueril, ingênua, questionadora e inusitada de nossas vidas, quando o novo ainda causava espanto, prazer e adrenalina. Hoje, a velocidade e a facilidade com que as informações são veiculadas dão-me a impressão da banalização das emoções, do valor da descoberta paulatinamente respeitando o processo de crescimento/idade. Nada mais impressiona. Poucas coisas sensibilizam. A naturalidade das coisas reveste-se de frieza por muitas vezes. A emoção tão necessária ao ser humano torna-se cada vez mais robotizada.

Afaga-me o coração a lembrança de uma rua personificada em minha memória, como uma amiga de longas datas, parceira de travessuras, testemunha de amores primeiros. Conheci a rua Taumaturgo de Azevedo ainda mocinha, de pouca idade, já não mais nua pela piçarra, ou na meninice pela areia branca, mas sim coberta por sapatinhos de paralelepípedos justinhos, alinhados e reluzentes à luz do

sol da tarde. Por ser uma tira de mulher enorme, puseram-na o apelido de rua grande. Pegou, e muitos nem sabiam o seu nome de batismo. Ela nem ligava para isso.

Boa de papo, contou-me orgulhosa, tempos depois, como nasceram as duas praças mais importantes e primeiras da cidade sob os seus pés: A do Teatro, ou a do Matias Olímpio, ou ainda a do hospital, como preferirem, e a da igreja da matriz. Permitiu, generosamente, que a minha geração descesse em alta velocidade, sem trânsito algum, de bicicleta em suas íngremes silhuetas, tirando-nos sangue, hora ou outra, dos joelhos ralados pela repetição das aventuras. Aliás, deixou escapar que uma vez ajudou o Zeca Vei a levantar voo em sua bicicleta de asas grandes. Fingia que acreditava em suas conversas de Trancoso.

Sua voz foi sempre ouvida, quando jovem mais mansa e acanhada e, com o crescimento natural, seu canto se tornou sinfônico com o cantar dos pneus das motocicletas, dos automóveis que ziguezagueiam desviando das pessoas que se aglomeram nos muitos comércios que a abraçam. Como uma boa amiga mais velha, cuidava da gente, ofertando-nos lanches de amêndoas fresquinhas que tinturavam nossas bocas com um roxo que transformava o sorriso em brincadeira e ainda nos presenteava com uns brinquedinhos de sementes vermelhas de pau-brasil que imaginávamos ser nosso sistema monetário.

Patriota, fazia questão que os desfiles de 7 de setembro comessem por ela e, por muitos anos, obtive a permissão para participar. Tendo intimidade suficiente, pensei em

adverti-la quando ela chocou a gente, vestindo-se com uma roupa de asfalto metido a besta que mais parecia luto pela perda da simplicidade. Fiquei aborrecido uns dias, com o ar presunçoso de modernidade que assumira, mas recuei e não fiz a reclamação, pois lembrei que ela me tinha na mão. Guardava os meus segredos dos namoros adolescentes nas praças onde só a lua e ela sabiam.

Lembrou-me que eu a devia respeito, pois ela não era da minha “igualdade”. Era mais velha e já tinha presenciado muita injustiça como o acidente que ocasionou a morte de uma criança em comunhão com o martírio envolvendo o Gregório, o choro resignado da família humilhada no Palácio verde das lágrimas. Suportou a “rebanada” da igreja matriz quando virou a cara, por despeito e ignorância, para o outro lado. Acrescentou que sempre se manteve firme sem interferir nos acontecimentos, confiando na complacência do tempo. Ainda tinha o respeito dos casarões mais velhos de toda a cidade, embora tivesse reprimida uma vontade louca de reclamar para muitos deles de tê-la privado de ver o Marataoã.

Desfeitos os desentendimentos, resolvi ficar mais próximo de minha velha amiga e como é de seu perfil, gentilmente, estendeu-se um pouquinho mais para que eu pudesse fincar morada no último pedacinho do seu coração. Lá onde ela termina. Lá onde estendemos as mãos para uma nova história.

Beijo, querida, a porta das emoções está aberta novamente e prometo-te nunca mais fechá-la.

RUA GRANDE

[Rogel Samuel]

A antiga e histórica Rua Grande, em Barras, é minha paixão distante. Barras do Marataoã, no Piauí, aonde nunca fui, só em sonhos. É uma rua deserta, que nem mais existe, ao fundo vejo a Matriz, os muros, as casas desertas e batidas pelo soberbo sol daquele tempo. Rua larga e grande, em silêncio posta, e aos poucos ouço passos, que sobem, que chegam, quase silenciosos passos dos nossos antepassados, ilustres antepassados, Fileto, Taumaturgo, recuperados na memória, saídos do tempo, da glória que não se apaga, vejo traços, ouço passos, naquela rua grande da nossa história, da minha história. Sim, poucos sabem que Taumaturgo, que foi Taumaturgo quem traçou no papel, quem planejou a cidade de Manaus. O sonho era dele, o visionário, o futurólogo, quem “criou” a cidade foi sua pena, hoje esquecida. As crianças não aprendem na escola? Gregório Taumaturgo de Azevedo foi governador do Piauí, de 26 de dezembro de 1889 a 4 de junho de 1890; mas também governou o Amazonas, de 1 de setembro de 1891 a 27 de fevereiro de 1892. Nasceu em Barras no dia 17 de novembro de 1853. Taumaturgo de Azevedo foi o primeiro governador do

Piauí, de 1889 a 1890. E governador do Amazonas de 1891 a 1892. Aborrecido com a luta política, demitiu-se do governo do Piauí depois de um excelente governo. O seu secretário de governo era o grande jurista e filósofo Clóvis Beviláqua, um dos fundadores da Academia Brasileira e autor de um comentário em seis volumes do Código Civil Brasileiro. Ofereceram a Taumaturgo o governo do Paraná. Recusou. Mas optou pelo Amazonas. Foi preso por Floriano, reformado, deportado para a fortaleza de São Joaquim do Rio Branco. Anistiado, voltou ao Exército, chefiou a Comissão de Limites com a Bolívia, que nos deu o Acre. “Taumaturgo de Azevedo é um grande estadista que merece ser reverenciado por todos os brasileiros”, escreveu Plácido de Castro. Foi prefeito do Alto Juruá, fundador da cidade de Cruzeiro do Sul, e Comandante da Brigada Policial do Rio de Janeiro. Ganhou a medalha de ouro Simão Bolívar. Um dia escrevi “O desespero de Barras”: Não conheço Barras, no Piauí. Mas conheço Barras, no Piauí. Sofro com Barras debaixo d’água pátria de Governadores e Heróis. Taumaturgo! Taumaturgo! Herói de múltiplas plagas, orai por Barras debaixo d’água. Ó grande Fileto Pires o inventor do grande teatro das selvas, orai por Barras debaixo d’água. Eu sofro por aquela cidade desconhecida mas que mora comigo dentro do meu sonho e do meu pobre poema de lastimação...

PROSA DA RUA GRANDE: A LEMBRANÇA ICONOGRÁFICA DE CINCO PRÉDIOS

[Zemaria Pinto]



O sol revela-se preguiçoso por trás do Marataoã. A Rua Grande é um alvoroço de trinados. Da algaravia, ouve-se nitidamente um sussurro: acordem, acordem, acordem... São os meninos-pássaros que, visíveis aos olhos da fantasia, deslocam-se do rio à rua e da rua ao rio, num vai-e-volta sem fim. Alguns vão até a Ilha dos Amores, sonhar com os

corpos nus, de todos os matizes, das etéreas náíades-iaras, banhando-se de sol, nordestino sol que tempera a tez de varões e de donzelas com o castanho da canela.



O tempo se deixa guiar pelo chilreio dos meninos-pássaros: o passado em preto-e-branco, o presente em rosa e cores distintas de intermédio, representações fugazes, mas históricas. A Rua Grande serpenteia cruzando a cidade, de norte a sul. O cinza das imagens antigas não é uma cor, mas um efeito de luzes e sombras. As luzes da vida e da história. As sombras do mistério, as sombras do indefinido, as sombras da memória que se perdeu.

Usina Elétrica – Câmara Municipal

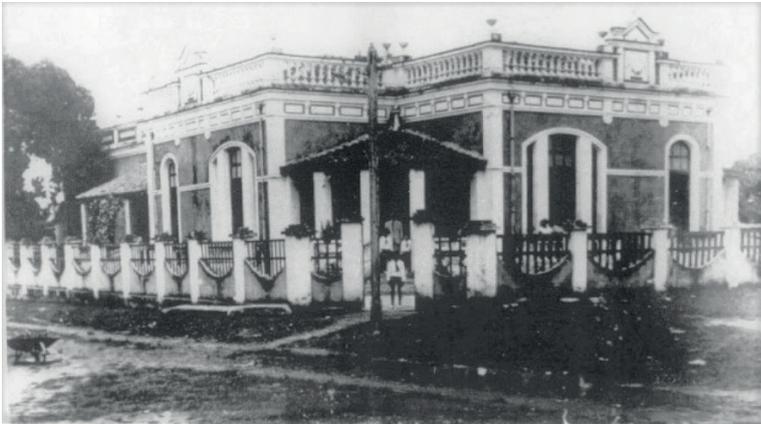


Usina Elétrica Leônidas Melo. Se não vejo ruínas, percebo a decadência – do prédio à linguagem. Mais de dois mil e quatrocentos anos se passaram entre Tales de Mileto e a lâmpada elétrica – essa pequena maravilha do mundo moderno. A usina, que fornecera eletricidade e progresso, dará vez a uma outra usina, do debate e do pensamento – a plenitude da democracia.



O parlamento municipal ocupou o lugar da usina elétrica, se tornando uma metáfora concreta da transformação de ideias em produtos acabados. As cores se alternam no tempo – amarelo-solar, azul-espiritual, vermelho-paixão –, mas o prédio, de linhas retas, conservadoras, sinaliza o início de um caminho que passa pelo poder executivo, o poder espiritual e o planejamento do futuro, concentrados em cento e cinquenta metros da Rua Grande, no sentido Sul.

Casa Rosada, de residência faustosa à sede da prefeitura



Residência de poderoso Coronel, a imagem em luz e sombras não traduz a riqueza plástica do prédio tripartite, das janelas e portas em arcos, como arqueados são os detalhes do muro e redondos e cilíndricos os ornamentos. A sinuosidade do voo presente sob todos os ângulos. A beleza unida ao fausto tornou-a palácio, exponenciando sua imponência.



A cor de rosa é uma escolha natural: a casa é uma extensão do jardim e a praça, com suas flores de matiz diverso, é um complemento da casa.



A riqueza de detalhes nos leva a pensar no barroco. Um barroco onde nada é excesso, como nada é excesso em Gregório de Matos ou em José Saramago: o barroco como expressão do que há de mais divino no humano e de mais humano no divino. Sede do poder secular, a Casa Rosada é um ícone às margens do Marataoã plantada. Um símbolo de Barras.

Os meninos-passarinhos concentram-se na praça, enquanto seguimos mais alguns metros à frente.

Duas casas



São duas casas de morar. Uma ao rés do chão, assobradada a outra. Como duas velhas comadres, elas conversam mudas sob o sol, nordestino sol das manhãs barrenses, lembrando os tempos gloriosos de seus respectivos coronéis. São conservadoras na arquitetura de paralelepípedo, uma, e de cubo, a outra – as janelas e os adornos em linhas retas, nenhuma concessão, enfim, ao curvilíneo. Mas, nem por isso menos belas.



As cores se sucedem, voláteis. A casa foi Patronato, hoje é da Educação.



A casa, que é da história, a serviço da população.

Senhora da Conceição, Senhora de Barras

Atravessamos a rua, os meninos-passarinhos tomaram conta da praça. Em sombra e luz, a máquina do tempo nos conduz, ao tempo em que a Matriz ficava na rua Grande, de frente para o Marataoã e para o nascente.



A matriz, vista pelo seu oposto, com a Rua Grande ao fundo.



Para alguns, a Senhora da Conceição ficou de costas para o Marataoã e para a Rua Grande. Mas os meninos-passarinhos pensam que hoje ela está na posição certa: de frente para a praça, que é o povo, de braços abertos para o povo. E não se fechou para a Rua Grande, pois o atendimento secular, profano-administrativo, ficou para o lado da Rua, simbolizando o poder monástico em diálogo com os poderes temporais.

Os meninos-passarinhos seguem seu périplo pela cidade e a máquina do mundo, revelando o claro enigma, descortina maravilhas:



OBSERVAÇÃO

Todas as imagens foram obtidas na Internet, sem créditos atribuídos.

OS AUTORES

Carlos Castelo Branco é cronista, publicitário, compositor e romancista. Teresinense de nascimento, radicou-se ainda criança em São Paulo. Integrante do grupo musical *Língua de Trapo*, escreve crônicas de humor em várias publicações de circulação nacional. Parte de seus antepassados nasceu na antiga Barras do Marataoã.

Chagas Botelho é radialista, cronista. Exerce o radialismo há 30 anos, com atuação em alguns dos principais veículos de comunicação do Piauí. Entre suas obras, *Delito Intencional* (crônicas, editora UICLAP) e *Olhar de Casca de Banana*, vencedora do concurso de novos autores promovido pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Natural de Barras-PI.

Diego Mendes Sousa é poeta, cronista, advogado, professor. Funcionário Público Federal na Fundação Nacional do Índio (FUNAI), residiu por alguns anos em Cruzeiro do Sul-AC. Autor de livros em diversos gêneros, comentados por nomes expressivos da crítica literária. Entre suas obras, *Velas Nauífragas* (Penalux).

Dílson Lages Monteiro é poeta, romancista e ensaísta. Escreve em diversos gêneros textuais (poemas, crônicas,

contos, romances), tendo-se iniciado na literatura em 1995. Editor do Portal Entretexos, exerce o magistério em Teresina-PI, de onde coordena projetos de formação leitora na web. Entre as obras de sua autoria, está o romance *O morro da casa-grande*. Ocupa a cadeira 21 da Academia Piauiense de Letras.

Elmar Carvalho é poeta, romancista, cronista e crítico literário. Magistrado aposentado, ao tempo que se dedica à produção de obras literárias de inquestionável valor estético, empreende esforços na escritura de crônicas-ensaios sobre autores e livros do Piauí. Entre as obras de sua autoria, *Rosa dos Ventos Gerais* (poemas).

Fábio Augusto de Carvalho Pedrosa é historiador, graduado pela Universidade Federal do Amazonas. Possui diversos estudos no campo da história social. Em suas pesquisas, o foco se constitui da vida social e política do Amazonas. Assina coluna no Jornal do Comércio de Manaus. Professor de História no Curso Preparatório Paradigma.

Francy Monte é nome festejado do cenário musical do Piauí. Formado em Letras pelo Universidade Federal do Ceará, dedica-se há décadas à construção de poemas e canções que recuperam a tradição lírica da literatura com belas composições sobre o amor, aqui inclusa a paixão por Barras do Marataoã. É autor de dezenas de hinos; entre os quais, o da cidade natal.

Francisco Carlos Araújo é contador, funcionário público do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), vem concentrando-se na escritura de textos que

recuperam a memória de sua cidade natal, seja em versos, seja em prosa. Autor de *O menino, o rio e a cidade* (Nova Aliança).

Francisco de Assis Carvalho Filho é graduado em Geografia pela Universidade Federal do Piauí, tendo se especializado nesse campo. É professor há várias décadas em Barras, onde dirigiu o Campus da UESPI e coordenou o curso de Geografia da entidade. Em Barras, fundou o Colégio Olga Fernandes. Atua também como professor da rede pública. Exerceu mandato no Legislativo Municipal.

Gisleno Feitosa é médico e escritor. Entre as produções, estão cordéis, crônicas e verbetes sobre o falar piauiense; nestes imprime atenção aos significados de regionalismo do Piauí. Residiu por longos anos em Barras do Marataoã, lugar cujas vivências se convertem em divertidas crônicas sobre o cotidiano da cidade. Entre as obras de sua autoria, *Mediquês*, o falar nordestino na consulta médica.

Manoel Monte de Carvalho Filho é odontólogo de formação. Professor de Anatomia de centenas de profissionais de saúde no Piauí, volta-se há muitos anos à coleta de memórias sobre a cidade natal. Ativo membro de diversas instituições de cultura e de beneficência, tem livro de memórias reunindo parte do acervo de textos que agrupam seu olhar sobre o tempo e a sociedade de Barras de sua geração.

Ramon Vieira de Carvalho é Graduado em Letras-Português pela UESPI e pós-graduado em Docência, Gestão e Supervisão Escolar. Concursado como funcionário público

estadual e municipal, reside em Barras. Antenor Rêgo Filho, historiador e memorialista, refere-se a ele em seu livro *Dicionário do Piauí* (2016) como: “Professor Ramon Vieira, mestre da arte foto-histórica, possui magnífico acervo histórico-fotográfico da cidade de Barras”.

Rogel Samuel é romancista, poeta, crítico literário, webjornalista. Professor aposentado da Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ofertou a diversas gerações clássicos como o *Novo Manual de Teoria Literária* (Editora Vozes), com sucessivas edições, o romance *O Amante das Amazonas* (Itatiaia). As longo das últimas décadas, dedicou-se intensamente a divulgar e a analisar autores do Norte em meio virtual.

Zemaria Pinto é poeta, cronista e crítico literário. Reside em Manaus desde criança. Economista, atuou como professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Amazonas. Editor do jornal poético “O fingidor”, escreve também premiados textos para teatro e livros para a infância. Entre seus livros, *Corpoenigma* e *Música para surdos*.